

FÁBULAS DE LA FONTAINE



DOSSIÊ PEDAGÓGICO

ROCAMORA TEATRE

FÁBULAS DE LA FONTAINE

Adaptação para teatro de bonecos das Fábulas de Jean de La Fontaine:

| | | |
|------------------------------|---------------------|----------------------------|
| O CORVO E A RAPOSA | Livro 1º Fábula 2ª | (LE CORBEAU ET LE RENARD) |
| O LOBO E O CÃO | Livro 1º Fábula 5ª | (LE LOUP ET LE CHIEN) |
| A RAPOSA E O BODE | Livro 3º Fábula 5ª | (LE RENARD ET LE BOUC) |
| O GALO E A RAPOSA | Livro 2º Fábula 15ª | (LE COQ ET LE RENARD) |
| A RAPOSA E A CEGONHA | Livro 1º Fábula 13ª | (LE RENARD ET LA CIGOGNE) |
| A RAPOSA E AS UVAS | Livro 3º Fábula 11ª | (LE RENARD ET LES RAISINS) |
| A CIGARRA E A FORMIGA | Livro 1º Fábula 1ª | (LA CIGALE ET LA FOURMI). |

Com a ajuda de dois contrarregras do teatro, La Fontaine quer apresentar e explicar estas fábulas. Assim os contrarregras as representarão com bonecos fazendo o que ele lhes disse dantes. Mas, agora para ajudar um personagem, agora porque não lhes parece bem um final, eles deverão intervir por sua conta mais de uma vez. Desta maneira realça-se e trabalha-se mais extensamente a mensagem da cada fábula.

FICHA ARTÍSTICA

Autor, diretor, projeto e construção: Carles Cañellas

Atores - Bonequeiros: Carles Cañellas
Susanna Rodríguez

SINOPSE

Dois contrarregras que trabalham para o Senhor de La Fontaine portam um decorado. Entram dentro do teatrinho onde aparece Jean de La Fontaine que se apresenta e explica como ele escreveu as fábulas e o que eles ensinam. Isso leva á primeira: O corvo e a raposa. Abre-se o teatro e os dois contrarregras executam a fábula com esses personagens. Só terminar, estes são bastante desgostosos pela forma como foi o resultado e decidem por sua conta, representa-la uma vez mais variando o final, porque o pobre corvo bem merece outra oportunidade. Assim, o ensinamento será bastante evidente. A segunda fábula apresentada também por La Fontaine é: O lobo e o cão, que vai ter um final inesperado, como quando o lobo, seduzido pelas promessas do bem-estar do cão, é pronto para renunciar á liberdade, os contrarregras respondem vigorosamente como merece, fazendo que o mesmo cão mude opinião e escape com o lobo. A terceira fábula é chamada: A raposa e o bode. As contrarregras deveram intervir para acabar quando o bode, por sua ingenuidade, permanece encerrado dentro do poço onde a raposa havia-lo feito baixar. Então, ajudá-lo a sair e a refletir sobre o que acaba de acontecer. A quarta é a fábula: O galo e a raposa, em que as contrarregras agem para evitar um desastre. Antes que o galo não caia nas mãos da raposa, eles fazem-lhe ver a bola e o perigo que corre e incentivá-lo a encontrar a maneira de escapar da raposa. A quinta é: A raposa e a cegonha, que tem uma nova intervenção dos contrarregras, quando a cegonha, sentindo-se enganada pela raposa quer pelejar com ela. Um contrarregra aconselha, então, paga-la com a mesma moeda. Enganar o enganador. A raposa e as uvas é a que segue, onde os contrarregras e La Fontaine rirão da súbita mudança de cor das uvas. A última: La cigarra e a formiga só vê a intervenção dos contrarregras, quando, no final, a formiga não quer ajudar á cigarra que é morrendo de fome e frio. Então, estes e La Fontaine vão lhe dar auxílio hasta o bom tempo.

O TEXTO

A partir das obras completas de Fábulas de Jean de La Fontaine, o autor do espetáculo fez a tradução e a adaptação teatral de uma seleção, eliminando o papel de narrador, de modo que sejam os protagonistas aqueles que da palavra ou pela ação a desenvolver, levem tudo o peso narrativo. O texto é em verso, para manter a memória do original, mas com uma rima não heterodoxa que há valorizado acima de tudo, que este é para ser ouvido e não lido, isto significa que primou a musicalidade e não a estrutura acadêmica da rima. Deve-se notar que a ligação entre as sete fábulas faz-la o próprio Jean de La Fontaine em versão de boneco, quem comenta com ao público, também em verso, a sua síntese, adicionando adágios para enfatizar a mensagem ou moral.

OS ATORES

Todos os atores, exceto os dois contrarregas são bonecos. Dez no total. Sete deles que representam animais, são em tamanho natural ou até mesmo maior. Sua técnica de animação é interior direto, isto é, colocando a mão no interior da cabeça do boneco para atingir o interior da boca, que é móvel, entrando diretamente do pescoço ou do corpo. Eles são construídos a partir de volumes de espuma esculpida, cobertos com um pano de algodão cru, cosidos e coloridos em acrílico aplicado a pincel. Outros dois, os insetos, são marionetes de cerca de 40 cm de altura, com controle diagonal. E por último, o que representa Jean de La Fontaine é um boneco de vara de meia-corpo, de 90 cm alto, com boca móvel.

A CENOGRAFIA

Em uma mesa redonda de 2,5 metros de diâmetro, são montadas as várias cenas do espetáculo. Esta, geralmente a 70 centímetros de altura na parte da frente e 100 na parte traseira, pode mudar de acordo com a inclinação do espaço da representação, a fim de facilitar a visualização dos espectadores. Ela tem um furo central de 1 m de diâmetro onde se movem os dois bonequeiros e um dossel hemisférico que cobre a metade da tabela, servindo agora de fundo, agora de cortina, segundo a sua posição. Este é revestido internamente do tecido colore celeste e externamente de serapilheira envelhecida como o resto do teatrinho, tornando-se uma espécie de globo terráqueo: (*"Sendo assim convertido o meu verso, Em comédia, que encerra cem atos, E que tem por cenário o universo."* o *Lenhador e Mercúrio - livro V fábula I*). Reforçando este conceito, além do espaço que define a mesa, também é usada a parte de cima da capota, como um castelo de bonecos para as duas intervenções de La Fontaine. Assim, além disso, em uma das fábulas, desvestindo a frente do teatrinho, temos um novo espaço debaixo da tabela que representa o interior do poço. Os adereços são construídos ou feitos de telas o de madeira com acabados naturais, com intenção de dar um ambiente rústico, porque todos os contos acontecem no campo.

LA FONTAINE E AS SUAS FÁBULAS

Fábulas são contos ou narrações que, de tempos muito antigos, os povos transmitiam-se oralmente de uma geração para a outra, a fim de estabelecer os ensinamentos morais. Ele foi Esopo (séc. VI a.C.), quem fez a primeira coleção. Os autores que posteriormente hão cultivado esse gênero se inspiraram no seu trabalho e por isso este é considerado o predecessor.

A partir dele, quase todas as culturas terão o sua fabulista, mas temos que esperar até La Fontaine (1621-1695), para encontrar um autor que, com seu gênio, faça as recriações que permaneceram como um modelo para as sucessíveis.

É necessário portanto ver qual, ou quais, sons as contribuições que fez La Fontaine, e porque se lhe reconhece o sentido de modernidade. Em as Fábulas de Esopo, a história em si é um puro veículo para alcançar e ensinamento o moral. Em geral, estes ensinamentos foram saídos da sabedoria popular: estar satisfeito com a fortuna, não deixar-se enganar por o enganador, não confiar cegamente nos outros...

La Fontaine não elimina estes ensinamentos, mas os passa através do filtro da ironia e ceticismo. Os cenários de La Fontaine são muito universais, evocam tanto os ofícios mais populares, como o mundo rural e urbano.

Os poderosos, os avaros são muitas vezes ridicularizados. Outra característica de suas histórias é a evocação da natureza. Na verdade, este é um tiro na moda do século XVII, muito sensível a isso.

Finalmente, devemos fazer referência a fantasia que La Fontaine usa nos seus personagens. Os animais falam e tem um comportamento humano, ou ainda melhor, serve-se dos animais para criticar as falhas dos homens. É esta fantasia, também, a que varre a lógica ou a ciência. Não lhe importa nada para afrontar uma raposa e um corvo por um queijo algo bastante bizarro, se você considera que nenhum deles não gosta de queijo. Ou toda a fábula da cigarra e a formiga vão pelo ralo, se pensarmos que a cigarra morre antes do inverno. Ou garras atribuídas ao osso... E muitas outras liberdades não científicas, mas não importa, o que La Fontaine quer é usar ou uma característica de cada animal específico ou mesmo evocar o movimento.

ANTES DE ASSISTIR AO ESPETÁCULO

Comentai a sinopse da obra, para entender melhor o significado do que verão, omitindo diretamente os detalhes, para não estragar a surpresa no dia da apresentação.

Propomos uma série de perguntas que podem ser úteis para que entrem em matéria:

- O que são as fábulas?
(Narração, geralmente em verso, que através de eventos alegóricos e personificação dos animais e mesmo os seres inanimados, é dada uma educação moral).
- Quais são os fabulistas mais populares?
(Esopo, Fedro, La Fontaine, ...).
- Para quem são destinadas as fábulas?
- Que sentido tem ensinar através de fábulas?
- Como interpretar e compreender o aviso, a moralidade, o conselho, que contêm as fábulas?

DEPOIS DE VISTO O ESPETÁCULO

- Tentai de rever com os alunos as sete fábulas vistas:
 - O CORVO E A RAPOSA
 - O LOBO E O CÃO
 - A RAPOSA E O BODE
 - O GALO E A RAPOSA
 - A RAPOSA E A CEGONHA
 - A RAPOSA E AS UVAS
 - A CIGARRA E A FORMIGA.
- Depois de havê-las analisado sugerimos que você intervenha e pergunte-lhes:
 - O que aconteceu em cada fábula?
 - Que tipo de pessoa representa cada animal?
 - Que conselho moral ou aviso contém cada uma?
 - Por que motivo o Lobo, mesmo a fome, rejeita o que lhe propõe a Cão?
 - O que você diria ao Corvo e o Beco para tentar evitar os seus infortúnios?
 - Como se libera o Galo do perigo?
 - O que é que a Cegonha faz na Raposa?
 - Por que a Raposa diz que as uvas são verdes se toda a gente vê que não é assim?
 - O que você faríeis no posto da Formiga? E no da Cigarra?
- Para tornar o trabalho mais interessante, proponham:
 - Representar as fábulas, com o texto ou com as suas próprias palavras.
 - Tentando mudar o resultado. Se necessário, fazei aparecer outros personagens.

ESPERAMOS QUE VOCÊS GOSTEM DO ESPETÁCULO E QUE NESTE DOSSIÊ PODAM ENCONTRAR IDEIAS PARA PODER APROFUNDAR MAIS EM TODO O QUE OFERECE.

Obrigado por colaborar com nós e nos avisar dos erros ortográficos e gramaticais que podam ser encontrados.